

# **trabalho crítico com os conceitos**



# O tempo: um objeto lógico

Bernard Nominé

O tempo é um conceito difícil de apreender, tanto para os físicos como para os filósofos. Não se pode deixar de imaginá-lo como um rio que corre do passado para o futuro. Mas, temos tanta certeza assim de que o tempo realmente passa? Não somos nós que o imaginamos passar, quando quem de fato passa somos nós? “*O tempo vai embora, o tempo vai embora, Madame, infelizmente! O tempo não, nós é que vamos...*”, escreveu o poeta Ronsard.

O tempo é indissociável do espaço; as distâncias, por exemplo, são com frequência medidas pelo tempo necessário para percorrê-las. Mas o próprio tempo é considerado pelos físicos como um espaço, fala-se do espaço-tempo, e nem todos estão de acordo a respeito de sua estrutura; seria ele plano ou curvo, contínuo ou descontínuo? Para alguns físicos, o espaço-tempo é um bloco rígido que não é absolutamente orientado *a priori*, a não ser por nós, na medida em que organizamos a sequência dos acontecimentos segundo um princípio, que é o princípio da causalidade. Mas trata-se de uma construção mental, e sabemos até, a partir de Freud, que o inconsciente é capaz de fabricar uma *causalidade psíquica* que parece funcionar inversamente ao tempo que passa. O tempo que passa não é, portanto, um real em si, só o *presente* é real. Poderíamos muito bem definir o real como presente, sempre eternamente presente. Porém, como fixar esse real sempre presente? Escrevendo, quer dizer, historiando, ordenando o real como *passado*. Nesse sentido, o *passado* está do lado do simbólico. Restaria então o imaginário para o *futuro*, o que lhe cairia muito bem. A percepção do decorrer do tempo depende, então, da consciência, que deve poder integrar o que é *presente*, relacionar o que é presente ao *passado* e distingui-lo do que se projeta do *futuro*. Provavelmente, é esse nó que instala o sujeito dentro de uma realidade temporal inteligível.

Mas, apesar de tudo, o enodamento desses três registros deixa escapar o objeto que estou procurando delimitar neste trabalho. “Talvez o tempo seja apenas isso, as trindades ou a eternidade do espaço, o que provém de um irremediável encurralamento”<sup>1</sup>.

Esse objeto que escapa ao encurralamento, vou tentar abordá-lo pelo estudo daquele tipo de sonho repetitivo que todos nós temos, em que devemos fazer novamente uma prova na qual já fomos aprovados. No sonho, nos permitimos a fantasia de voltar no tempo e

<sup>1</sup> Lacan. *Les non-dupes errent* (1973-74, aula de 11 de dezembro de 1973).

então sonhamos que estamos em uma época anterior à realização da prova; nós nos rerepresentamos para fazê-la, mas sem termos preparado nada. Isso pode se tornar um pesadelo, e ficamos contentes quando acordamos e constatamos que foi apenas um sonho. O que sonhamos refazer é sempre uma etapa decisiva que marcou um antes e um depois, e pela qual nos esforçamos para passar com sucesso. Raramente sonhamos em refazer uma prova em que fracassamos. Frequentemente, aquele que está sonhando sabe, no sonho, que já fez essa prova com sucesso; por que, então, refazê-la? O tema da repreensão está sempre aí e, segundo Freud, ele se aplica a alguma coisa da véspera, a uma conduta regressiva, por exemplo. *“Você já é adulto, já viveu muito e ainda continua fazendo bobagens e infantilidades.”*

Poderíamos também evocar aquele tipo de sonho em que retornamos a uma casa antiga após nos termos mudado, mas voltamos lá como ladrões, pois sabemos que não deveríamos estar mais lá. Essa atmosfera de ilegalidade vai no sentido da interpretação freudiana da repreensão. Mas creio que podemos ir mais longe que Freud nesse assunto. O caráter repetitivo desse tipo de sonho é o índice de um esforço do sujeito para simbolizar um acontecimento importante que é um momento de passagem: uma prova, uma mudança de casa, o desaparecimento de alguém próximo. Se a prova se repete no sonho, é que alguma coisa escapa a essa simbolização, alguma coisa não foi apreendida na representação do acontecimento. Não se trata do acontecimento em si, já que, uma vez mais, não há nenhuma razão para que a aprovação num exame seja difícil de simbolizar. Então, por que fazer como se esse evento feliz não tivesse existido? Em geral, se interrogamos o sujeito que sonha, ele nos diz que, em seu sonho, tem de refazer a prova e age como se não tivesse passado, mesmo sabendo confusamente que isso é falso. Portanto, não é a natureza do acontecimento que constitui um problema, mas sua própria estrutura de acontecimento, isto é, uma etapa significativa que estabelece uma fronteira entre um antes e um depois. A repreensão que o sujeito faz a si mesmo talvez seja, mais que qualquer outra coisa, a repreensão por querer negar a ultrapassagem, por querer voltar ao antes quando ele já está no depois. No entanto, para além do caráter ilícito dessa viagem no tempo que o sonho permite,

a repetição desse tipo de sonho nos sugere que o sujeito não abre mão de apreender, nessa simbolização, algo de evanescente, algo de inapreensível que se recorta na fronteira entre o antes e o depois.

Se as horas do relógio passam de maneira rigorosamente constante, não se pode dizer que, para determinado sujeito, o tempo passa de maneira contínua. A própria noção de acontecimento é testemunha disso. Mas aquilo que constitui um acontecimento para uma pessoa não constituirá necessariamente um acontecimento para outra. Portanto, essa temporalidade de que se trata no acontecimento não tem nada a ver, nem com o tempo que passa, nem com o tempo da História; essa temporalidade diz respeito ao sujeito. Ela tem uma relação tão estreita com o sujeito, que poderíamos dizer que participa dos atributos do sujeito, no sentido gramatical do termo, porque esses acontecimentos aos quais o sujeito se esforça para voltar em seus sonhos são momentos que determinaram aquilo que o sujeito foi, aquilo que ele se tornou, o que ele terá sido quando..., o que teria podido ser se... em resumo, trata-se de tentar simbolizar, de abarcar, da maneira mais próxima possível, esse momento, esse lapso de tempo, esse instante em que tudo se precipitou para tornar o sujeito aquilo que ele é.

Não foi por acaso que Lacan utilizou o apólogo dos três prisioneiros para circunscrever aquilo que ele chamou de *tempo lógico*, aquele instante de pressa necessária para que o sujeito possa se apresentar tal como é e sair da prisão de suas identificações alienantes. Esse tempo lógico é próprio de cada um, ele faz parte de seus atributos, participa do seu modo de ser, mesmo que o sujeito não tenha nenhuma ideia disso. É isso que me faz dizer que esse tempo lógico faz parte da categoria do objeto, tal como Lacan desenhou seu contorno; aliás, é isso que ele acabará dizendo nos comentários de apólogo que fará bem mais tarde em seu ensino, seja no seminário *Mais ainda*, em que nos diz que o *objeto a* desempenha sua função na pressa<sup>2</sup>, seja quando diz categoricamente em *Os não-tolos erram*, que “o objeto *a* está ligado a essa dimensão do tempo”<sup>3</sup>. Em outras palavras, esse objeto que o sujeito tenta agarrar no sonho repetitivo que parece resumir-se, numa primeira leitura, em uma busca do bom tempo perdido, esse objeto na verdade é inatingível porque não tem ser – daí a repetição incansável para tentar abordá-lo.

<sup>2</sup> Lacan. *Mais Ainda* na gravação sonora da aula do dia 16 de janeiro de 1973 – que Patrick Vallas me fez escutar – ouvi-se claramente isso: *A função da pressa é a função deste pequeno apressado (petit a-t [hâte], a-t e hâte são homofônicos)*. [Na edição em português, de 1985, o trecho referido se encontra na p. 67.]

<sup>3</sup> Lacan. *Les non-dupes errent* (op. cit., aula de 9 de abril 1974).

O tempo, como objeto real, não tem ser, é isso que lhe confere sua função mais comum para representar nossa falta-a-ser. Isso é o que já dizia Plotino na Antiguidade grega: o futuro é o lugar onde situamos o que nos falta para ser. Se corremos em direção ao futuro, é com a ideia de lá encontrar mais ser. Dizendo de outro modo, o tempo que nos falta para ser, aquilo atrás de que corremos, nada mais é que a nossa falta-a-ser estrutural.

Eu poderia acrescentar que esse objeto em que confiamos por representar nossa falta-a-ser e que se situa, de algum modo, à margem da linguagem, não deixa de ser um produto. O tempo é produzido pelo sujeito que fala. Este não deixa de ter relação com a língua que conjuga. Desde os gregos e os latinos, distinguimos o passado, o presente e o futuro. “*Só o fato de conjugar já bastaria para provar que o tempo existe*”<sup>4</sup>. Mas certas línguas não conjugam; é o caso do chinês, em que os verbos não têm desinência. Como decorrência – segundo François Jullien –, não há conceito de tempo no pensamento chinês. A sabedoria chinesa se interessa mais pelo momento do que pelo tempo em si. Em suma, se a filosofia ocidental se esforça, às vezes até a obstinação, em conceptualizar esse produto da linguagem, isso não ocorre por acaso.

Para resumir, a esta altura, tentei mostrar como o tempo é um real que personaliza cada um; como ele é um atributo do sujeito particularmente convocado em seu ato na qualidade de acontecimento ou até mesmo de eclosão; como ele é inatingível, embora seja imaginável sob as espécies do tempo que passa, do tempo que falta, do tempo perdido, em suma, da falta-a-ser; e como ele é um produto da linguagem. O que mais falta dizer para convencê-los de que o tempo faz parte da categoria do *objeto a*? Seria necessário poder destacar sua função na alienação ao Outro, visto que é aí que se pode melhor apreender a função do *objeto a* de Lacan como resto da operação que tenta inscrever o gozo do vivente no Outro do significante.

Em seu seminário *A Angústia*, Lacan<sup>5</sup> esboça cinco estádios para essa inscrição e os relaciona em um tipo de grafo com três níveis. Preciso ver então como inscrever o tempo nessa construção, deixando bem claro que não me proponho a adicionar um sexto estádio. Basta reler a aula de 19 de junho de 1963 para perceber que o que

<sup>4</sup> Jullien. *Du “temps”*: *Éléments d’une philosophie du vivre* (2001, p. 30).

<sup>5</sup> Lacan. *O Seminário*, livro 10: a angústia (1962-63/2005).

permite a Lacan fazer a relação dessas cinco apresentações de *objeto a* é a função do tempo articulado à linguagem, já que essa esquematização é a do grafo. Trata-se de um percurso vetorizado, e esse vetor poderia ser chamado *vetor do tempo*. Mas esse percurso vetorizado não é retilíneo, o vetor sobe como se houvesse uma progressão do estádio oral para o estádio anal, para chegar ao fálico e, nesse estádio, o vetor se inverteria como se ocorresse uma regressão para o nível inferior onde Lacan inscreve a função do olhar, no mesmo nível do estádio anal, depois em direção ao nível ainda mais inferior, onde situa a função da voz, que se encontra no mesmo nível do estádio oral. Essa construção de Lacan sempre me pareceu muito importante. Ela articula demanda, desejo e mais gozar, e são necessários esses três registros para apreender a função lógica do *objeto a*. Na linha montante desse percurso, é possível situar o tempo da alienação que se declina em dois níveis, o nível oral e o nível anal. No nível oral, o bebê, totalmente dependente, tem de se adaptar à exigência da demanda do Outro, que impõe suas escansões na satisfação da necessidade. É aí que o Outro se mostra como o senhor do tempo: “minha hora será a tua”. Isso é reforçado no nível anal, em que o Outro impõe, mais claramente ainda, a sua hora para a satisfação das necessidades. Exceto que, neste nível, o sujeito já está um pouco mais em condição de se opor, já que consegue se conter, o que lhe permite inverter o processo e pretender impor ao Outro sua hora, fazendo-se esperar. Aqui, estamos no tempo da alienação, e acredito que podemos assimilá-lo ao *instante de ver* do *sofisma dos três prisioneiros*, já que a mesma lógica aí prevalece: aí, o sujeito avalia o que sua identidade deve ao Outro. O terceiro nível, onde Lacan inscreve o estádio fálico, é o tempo em que o sujeito consegue apreender o sentido de sua alienação; o objeto oral e o objeto anal, ao responder à demanda do Outro, são aí avaliados conforme o padrão do objeto de desejo do Outro, isto é, o falo.

O que se opera neste estádio fálico é então uma tradução, por isso penso que podemos situar aí o *tempo para compreender*; mas essa significação somente pode intervir em determinado momento; trata-se de toda a questão da fase fálica descrita por Freud, ela opera no depois. É preciso tempo para compreender. Mas, quando o sujeito compreende, ele adota o sentido que vem do Outro e, de

certa maneira, já é tarde demais, ele perdeu o encontro com aquilo que o causa, aquilo que deixa a desejar, por causa de um pequeno nada que torna os objetos da demanda inadequados ao desejo do Outro. É nesse descompasso que o *objeto a* encontra sua função, e é também aí que o sujeito encontra o seu lugar, pela impossibilidade de constituir-se Um com o Outro. Entramos neste ponto em uma outra temporalidade, não se trata mais do tempo para compreender, mas da pressa para realizar o ato que separa, o ato que muda a perspectiva, o ato que se impõe pela lógica do objeto *mais-gozar* que opera como um relâmpago, seja o olhar ou a voz. Estamos aqui na linha descendente do percurso vetorizado que enlaça o olhar e a voz, dois objetos que estão em jogo na aposta da separação que se sucede ao tempo da alienação. É aí que se deve situar a função da pressa, e essa função da pressa é o negócio desse *objeto a*, objeto *a*presso especialmente em seu aspecto de olhar ou de voz, raramente visto, raramente ouvido, a não ser de maneira extremamente fugaz. O tempo não é mais de jeito nenhum o tempo do Outro, é o tempo do sujeito, o tempo como traço característico do sujeito, o tempo que o especifica e que o faz existir, digamos até mesmo que o causa. O olhar e a voz deveriam então ser considerados como presentificações da temporalidade do sujeito, temporalidade particularmente demonstrada em certos atos criativos, como no gesto do pintor, por exemplo. Lacan situa, assim, na pincelada do pintor, a *temporalidade original*<sup>6</sup> que caracteriza sua relação com o Outro a quem se dá a ver. Mas essa temporalidade original é também aquela que deve emergir no fim da análise. Não é por acaso que Lacan inventa esse dispositivo que chamou de passe. Aquele que se apresenta ao passe não encontra um analista veterano que passou, mas um passador para o qual está presente esse momento particular da análise que lhe permite abrir os olhos e os ouvidos. “Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe?”<sup>7</sup> Essa é uma formulação curiosa. Lacan não diz que o passador está no passe, mas que ele o é. Não se trata de um espaço onde se pode estar, é um puro momento, e o sujeito é assimilado a esse momento. Como compreender essa formulação, a não ser considerando que o passe é assimilável ao encontro do sujeito com sua temporalidade

<sup>6</sup> Lacan. *O Seminário*, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1990, p. 111).

<sup>7</sup> Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (2003, p. 260).

original, quer dizer, com o objeto lógico que o causa?

Se pensarmos bem nisso, é algo que se experimenta em tudo o que tem a qualidade de um ato. O sujeito coincide aí com sua temporalidade original, o que confere a ambos – tanto ao sujeito quanto a esse momento – uma densidade inteiramente particular. É a esse tipo de encontro, não tão frequente na vida, que uma análise pode conduzir. Mas, para isso, é preciso tempo. Nesse sentido, a experiência da análise situa-se à margem da moda, ela não se preocupa com o tempo que passa, com o tempo perdido, com o tempo ganho, maneiras equivalentes de conceber, de dar forma à falta-a-ser. No entanto, Lacan nos mostrou que esta prática é fundada no manejo do tempo como operador lógico. Eis por que uma análise pode levar o analisante a fazer o luto do tempo perdido e a não ser obnubilado pelo tempo que passa, mas a saber apreender o momento em que pode se realizar.

Tradução: Silvana Pessoa e Eliane Fittip  
Revisão: Sílmiã Sobreira

## Referências bibliográficas

- JULLIEN, F. *Du “temps”: Éléments d’une philosophie du vivre*. Paris: Éditions Grasset, 2001.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 248-264.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário: les non-dupes errent (1973-1974)*. Inédito.

## **Resumo**

Por meio do estudo de um tipo de sonho repetitivo, em que o sonhador deve fazer novamente uma prova na qual já foi aprovado, o artigo discute a função que o objeto a desempenha na pressa, articulando-o como acontecimento que se precipita para determinar o sujeito. Articula, ainda, o tempo lógico ao grafo das cinco apresentações do objeto a que Lacan formula no seminário *A angústia*. Por fim, discute o passe como puro momento ao qual o sujeito é assimilado, instante do encontro do sujeito com sua temporalidade original, isto é, com o objeto lógico que o causa. Conclui-se que é a esse tipo de encontro, não tão frequente na vida, que uma análise pode conduzir.

## **Palavras-chave:**

Tempo lógico, objeto a, função da pressa, temporalidade, acontecimento.

## **Abstract**

Through a study of repetitive dream type, in which the dreamer must redo a test he has already passed, the article discusses the function that object a hurriedly performs, articulating it as an occurrence which rushes to determine the subject. It still articulates the logical time to the graph of the five representations of object a which Lacan formulates in the seminar *The Anguish*. Finally, it discusses the pass as a pure moment to which the subject is assimilated, an instant of the encounter of the subject with its original temporality, that is, with the logical object that causes him. The conclusion is that this is the type of encounter, not so frequent in life, to which an analysis can conduct.

## **Keywords**

Logical time, object a, function of hurry, temporality, occurrence.

## **Recebido**

21/04/2009

## **Aprovado**

15/06/2009

